

SOMOS TODOS DIFERENTES: DIFICULDADES NA LEITURA

¹Cristiane Lumertz Klein Domingues

RESUMO:

O presente artigo aborda um estudo realizado num curso de formação de Psicopedagogos sobre alunos com dislexia. O trabalho tinha como objetivo elaborar jogos que estimulassem a leitura dos alunos disléxicos, bem como aplicar o jogo e acompanhar o desenvolvimento da criança pelas alunas. Para fim de traçar a extensão deste texto foi feito um recorte no trabalho e optou-se por não apresentar resultados somente o caminho que o professor pode percorrer com alunos disléxicos em busca de uma melhor compreensão do distúrbio e de formas de ajudar esse aluno. Para tanto o texto discute alguns aspectos relevantes para que o professor entenda melhor a dislexia, por meio de passagens do filme “Somos todos diferentes” (Taare Zameen Par, Índia, 2007) e no final do trabalho apresentam-se três jogos que foram utilizados pelas alunas nas pesquisas realizadas.

PALAVRAS-CHAVE: Dislexia; Aluno; Lúdico.

ABSTRACT:

This article discusses a study conducted in a training course on Psychopedagogue students with dyslexia. The work aimed to develop games that stimulate the reading of dyslexic students as well as applying the game and follow the development of the child by the students. In order to map the extent of this text was made a cut at work and we chose not to present results only way that the teacher can go with dyslexic students in search of a better understanding of the disorder and ways to help that student. For both the text discusses some aspects relevant to the teacher better understand dyslexia, through passages of the film "We are all different" (Taare Zameen Par, India, 2007) and at the end of the article we present three sets that were used in research conducted by the students.

KEYWORDS: Dyslexia; Student; Playful.

INTRODUÇÃO

O trabalho tem por finalidade discutir o processo de aquisição da leitura e a possível dificuldade que pode surgir nesse caminho, em especial a dislexia, com a

¹Professora do curso de Pedagogia da Faculdade Inedi - CESUCA e da Faculdade Porto – Alegre - FAPA. Atualmente faz estágio de pós-doutoramento, na PUCRS/FACED Crisluked@gmail.com

intenção de proporcionar um pouco mais de conhecimentos ao professor. Para tanto, serão discutidos os aspectos abordados no filme “Somos todos diferentes” sob direção de Khan e Gupte (2007), sendo o título original “Taare Zameen Par”, que aborda o assunto e proporciona aos educadores maior conhecimento sobre ele para que possam entender, observar e encaminhar para diagnóstico os possíveis casos da sala de aula. O objetivo do artigo é tratar de uma possível dificuldade na aquisição da leitura, a fim de proporcionar conhecimento para que o professor possa auxiliar de forma positiva o aluno com dislexia, tendo como ponto de partida para o debate algumas passagens significativas do filme, que abordam cenas específicas e exemplificam bem os temas tratados. Sabe-se como é importante segundo palavras de Ianhez e Nico (2002), para a criança disléxica que a aprendizagem ocorra em um ensino mais lúdico, e que se baseie no aprender através dos sentidos, combinando visão e audição, por meio de um trabalho com atividades de consciência fonológica, porque estimulam o envolvimento do aluno com o que ele estiver aprendendo. Para tanto se sugere ao final alguns jogos disponíveis na obra de Nunes, Buarque e Bryant (1997), que foram aplicados pelas alunas do curso de formação de Psicopedagogos, a nível de pós-graduação, na cidade de Esteio (RS) em 2013, na disciplina de Linguagem, dislexia, discalculia e disortografia em alunos disléxicos, os quais elas realizaram suas pesquisas.

1 LEITURA

Segundo Teberosky e Colomer (2003), sabe-se que a aquisição da leitura acontece mais naturalmente com aquelas crianças que convivem em suas casas com materiais de leitura, porque mesmo que elas ainda não possuam o domínio os adultos fazem a leitura para elas e assim tornam-se modelos de leitores, começam a perceber a postura para leitura e aprendem desde cedo a valorizar o contato constante com o livro. Mesmo alunos que convivem em suas casas com material de leitura muitas vezes chegam a escola e apresentam dificuldades para desempenhar as habilidades de leitura e de escrita. Diante disso, uma pergunta acompanha o trabalho do professor: Por que nem todos aprendem a ler? Tentando entender uma das possíveis causas o presente trabalho deseja mostrar uma possibilidade de caminho para o professor, de modo que ele possa entender melhor o distúrbio da dislexia e saiba como motivar seu

aluno para que ele alcance o sucesso em sua aprendizagem, respeitando sempre suas possibilidades e considerando suas dificuldades.

Para compreender um pouco melhor o distúrbio assistiu-se o filme “Somos todos diferentes”, também chamado “Like stars of Earth” (“Como estrelas na terra”) e na língua de origem dele intitulado “Taare Zameen Par”, disponível no seguinte link <http://www.youtube.com/watch?v=fiftCor2cXM>. O filme aborda o assunto de maneira suave e emocionante, considerando ainda a temática para muitos na sociedade em geral como um tabu, portanto pouco discutida. Em contrapartida compreende-se que pensar sobre o assunto nos dias atuais é de extrema importância nas escolas, porque os professores podem se deparar em sala de aula com alunos disléxicos, fato frequentemente tratado pelos professores em palestras, ou até mesmo nas disciplinas dos cursos de licenciatura, tanto na graduação quanto no pós-graduação. Mesmo diante de uma realidade que chama o profissional a aceitar as diferenças de seus alunos em sala de aula, ainda assim pode-se encontrar escolas que não investem na formação continuada de seus professores, deixando de lado o estudo de temas tão caros para sua prática pedagógica, como esse aqui discutido. Ainda, pode-se perceber a falta de conhecimento por parte de alguns educadores sobre o assunto, os quais não consideram em suas aulas a adaptação curricular para esses alunos e tratam todos da mesma maneira, sem respeitar as particularidades de cada indivíduo, segundo relatos trazidos pelas alunas que aplicaram os jogos em diversas escolas municipais da cidade de Esteio.

Então, como entender a dislexia?

Ianhez e Nico (2002) definem a palavra dislexia como derivada de dis – distúrbio e lexia – que, em grego quer dizer linguagem e, em latim, leitura, portanto, dislexia é um distúrbio de linguagem e leitura. A dislexia pode ser definida como uma falha no funcionamento do processamento da linguagem que se caracteriza por uma dificuldade de estabelecer associações entre grafemas e fonemas, sendo um distúrbio de aprendizagem presente mais visivelmente em turmas de alfabetização, tanto de criança, como de adultos.

Segundo os autores ainda, pode-se entender dislexia como uma dificuldade acentuada que ocorre no momento da escrita e da leitura, muito mais perceptível no período da alfabetização. Isso não quer dizer que algumas dificuldades apresentadas na leitura e na escrita possam identificar uma criança como disléxica. O profissional

precisa ficar sempre atento ao rendimento do aluno, e a pequenos detalhes observados durante a aula, pois o distúrbio não está vinculado a fatores intelectuais, emocionais ou culturais, e sim a causas hereditárias, com uma incidência maior em meninos. “Não é necessário que os professores sejam especialistas em problemas de aprendizagem, mas é indispensável que todos os professores entendam as necessidades dos alunos disléxicos dentro e fora da sala de aula” (IANHEZ e NICO, 2002, p.75).

No filme “Somos todos diferentes” o menino Ishaan Awashi personagem disléxico demonstrava nas suas atitudes um total desinteresse pela escola, e por qualquer circunstância ocorrida em sala de aula, nada motivava o menino, porque ele não conseguia se adaptar aquele mundo que parecia tão diferente do dele. Desse modo, o menino era considerado pelos professores e pelo seu pai como um preguiçoso, irresponsável e um deslocado na sua existência, tornando-se um estorvo para ambos e motivo de deboche para os colegas de aula.

Pensando naqueles alunos que necessitam de um apoio diferenciado na sala de aula, para que não se sintam como o menino Ishaan, o professor em sala de aula deve atentar-se para o desempenho do aluno, quando ele entender que a criança poderá estar passando por algum tipo de dificuldade, observando certos aspectos no desenvolvimento da leitura, e muito mais, observar se a criança possui alguns dos sintomas mais comuns da dislexia. Segundo Ianhez e Nico (2002) tal postura pode ajudar o professor a diagnosticar o distúrbio, se ele ficar atento a situações como: dificuldade para ler palavras e orações simples; inversão parcial ou total na escrita das palavras; escrita da mesma palavra de diferentes formas; confundir letras que possuem o mesmo som; equívocos no traço das letras; falta de orientação para achar capítulos e páginas; dificuldade em organizar o tempo; dificuldade em direita e esquerda; não conseguir memorizar números; dificuldade em fazer cálculos mentais; relutância para escrever e lentidão na leitura.

Pensar sobre a dislexia na escola poderia partir de uma reflexão sobre a prática do professor a partir da observação do desempenho do professor da ficção Ram Shankar Nikumbh, ele assim como Ishaan também era desléxico, portanto entendia de maneira mais completa os sentimentos do menino. No filme, na escola onde ele trabalhava sua prática pedagógica era totalmente voltada para o lúdico, valorizando de modo especial os sentidos do Ishaan e proporcionando um trabalho diferenciado para ele, com brincadeiras, jogos e pintura. Tal maneira de lidar com o

menino forneceu estímulo suficiente para ele vencer seus medos e conseqüentemente conseguisse colocar em prática algumas conquistas.

Antes da entrada desse professor na escola o menino havia sido negligenciado, então Ishaan desistiu de lutar e tornou-se um menino apático para o mundo, ficando alheio a tudo a sua volta, mas seu desempenho mudou completamente com a chegada do novo professor. Pode-se concluir que o lúdico contribuiu com Ishan para a superação dos desafios propostos pelo professor Shankar: pintar letras com tinta; pular escadas para fazer soma; fazer desenhos a partir de observações e escrever em espaços combinados. Quando o professor assume a turma ele propõe um trabalho com tinta e ele diz “Divirtam-se agora estão livres”. A frase aqui transcrita evidencia uma prática libertadora, que considera o aluno e a sua felicidade na sala de aula e em especial mostra que ele deve se libertar para aprender.

Huizinga (2008), diz que o lúdico é livre, ele próprio é liberdade e principalmente não é vida cotidiana, mas ao contrário, trata-se de uma fuga da realidade, quando se entra numa outra esfera do faz-de-conta. A fantasia vivida no lúdico como diz o autor:

[...] “pertence a lugares proibidos, isolados, fechados, sagrados, em cujo interior se respeitam determinadas regras. Todos eles são mundos temporários dentro do mundo habitual, dedicados à prática de uma atividade especial.” (HUIZINGA, 2008, p. 13)

O mesmo autor diz que o lúdico, portanto compreende uma atividade de liberdade para o indivíduo que vai realizá-la de forma singela, relaxada e sem nenhuma preocupação com nada ao fazer, pois a decisão de realizar ou não depende apenas da vontade individual que causará no indivíduo, uma sensação de bem-estar ao fazer a atividade desejada.

Para que o aluno consiga alcançar o sucesso, como o menino Ishaan, a escola deverá adequar-se aos novos tempos através de um ensino que não pressupõe uma aprendizagem padronizada, mas ao contrário, um ensino que respeita o tempo e o ritmo de cada indivíduo. O aluno tem que sentir-se acolhido no ambiente escolar a que pertence, e encontrar nele um suporte para ajudá-lo a superar as dificuldades surgidas. Em especial, que o trabalho na escola considere as particularidades individuais, e que acima de tudo respeite as limitações de cada indivíduo não pedindo, por exemplo, que um aluno disléxico leia em público, já que essa é uma tarefa bem complexa para ele, e às vezes poderá expor a criança a situações

embaraçosas, que poderão comprometer os resultados do seu desempenho e causar-lhe sofrimento.

Durante o trabalho desenvolvido com a criança disléxica na sala de aula o professor será um suporte para auxiliá-la durante todo processo de aprendizagem, assim como fez o professor de Ishaan. O professor Ram Shankar Nikumbh passou a ser a pessoa mais importante para Ishaan naquele momento, pois ele compreendeu o sofrimento que o menino sentia ao não conseguir ler e escrever e foi capaz de melhorar a autoestima dele, porque durante muito tempo ele não foi compreendido pela escola, sociedade e principalmente pela sua família. Assim que o professor novo apareceu na história a vida de Ishaan mudou completamente, primeiro ele esclareceu para os pais do menino sobre o distúrbio da dislexia e depois solicitou a ajuda da escola através do diretor, para que os professores mudassem a forma de lidar com o menino.

Os professores em aula precisa perceber que a aquisição da leitura e da escrita pelo aluno acontece de modo e em tempos diferentes para cada indivíduo, fato que pressupõe um tratamento diferenciado nas práticas de sala aula, com atividades diversificadas para cada nível de escrita e leitura apresentados pelos alunos da turma.

2 AQUISIÇÃO DA LEITURA: UM POUCO DE HISTÓRIA

Para aquisição da leitura e da escrita a alfabetização anterior a década de 1980 primava por muitos debates sobre o melhor método para se alfabetizar, somente depois da pesquisa de origem psicogênese da língua escrita, de Emília Ferreiro começou-se a priorizar o desenvolvimento da criança e suas hipóteses de leitura e escrita e isso facilita o diagnóstico de casos de alunos com disléxia, como a personagem principal do filme. Atualmente muitos professores utilizam métodos globais para alfabetizar seus alunos. Como explica Morttati (2006, p. 7):

De acordo com esse método analítico, o ensino da leitura deveria ser iniciado pelo ‘todo’, para depois se proceder a análise de suas partes constitutivas. No entanto, diferentes se foram tornando os modos de processuação do método, dependendo do que seus defensores consideravam o ‘todo’: a palavra, ou a sentença, ou a ‘historieta’.

O método global de alfabetização facilita o trabalho do professor em diagnosticar a criança disléxica, pois a metodologia exige do aluno um maior envolvimento durante o processo de aprendizagem. Considerando em sua prática a

utilização de texto completos, apresentados nos diversos gêneros textuais existentes e não fragmentos de textos, como apreciam na época do surgimento do método global. Já o método sintético, muito utilizado nas famosas cartilhas, por não envolver tanto o aluno durante o desenvolvimento, pois são exercícios mais mecânicos, muitas vezes permite que alguns casos passem despercebidos ao professor. Morttati (2006, p. 5) escreve sobre o método sintético:

Para o ensino da leitura, utilizavam-se, nessa época, métodos de marcha sintética (da “parte” para o “todo”): da soletração (alfabético), partindo dos nomes das letras; fônico (partindo dos sons correspondentes às letras); e da silabação (emissão de sons), partindo das sílabas. [...] Posteriormente, reunidas as letras ou os sons em sílabas, ou conhecidas as famílias silábicas, ensinavam-se frases isoladas ou agrupadas. Quanto à escrita essa se restringia à caligrafia, e seu ensino, à cópia, ditados e formação de frases, enfatizando-se o desenho correto das letras.

Retornando à questão do método para alfabetizar alunos disléxicos a forma mais adequada segundo Capovilla (2003) seria através do método fônico, por meio de textos que envolvam os gêneros textuais e se apresentem ao aluno de forma significativa. O método fônico considera as dificuldades dos alunos disléxicos em discriminar, segmentar e manipular, de forma consciente os sons da fala. Portanto, trabalhar as atividades de consciência fonológica de maneira lúdica, não através de exercícios mecânicos como faziam as antigas cartilhas, os quais estimulem mais o envolvimento do aluno com o aprendizado. Sugerem-se jogos: de classificação de figuras conforme o início dos nomes de acordo com a fala; escolha de figuras cujos nomes rimam com uma figura-modelo; combate pelo número de sílabas das figuras e jogos de percurso para desenvolver a consciência silábica. Através do jogo e da brincadeira as crianças colocam em ação suas emoções e assimilam as informações, adquirem experiências e incorporam valores novos, podendo apresentar melhores resultados na aprendizagem e no desenvolvimento da leitura.

Segundo Ianhez e Nico (2002) para que o sucesso seja alcançado na escola por um aluno disléxico o trabalho realizado na sala de aula deve considerar um ensino que baseia o aprender aos sentidos, combinando visão e audição, para que a criança possa soletrar as palavras, por exemplo. Sempre que possível o professor deve encorajar e motivar o aluno, valorizar o que ele tem de melhor, não compará-lo com os demais colegas, avaliá-lo mais oralmente do que na escrita e estabelecer uma correção das suas produções que valorize mais seus acertos. Entende-se como importante que os professores tenham conhecimento sobre a dislexia para que

possam compreender as necessidades que possuem os alunos disléxicos e tenham entendimento que os disléxicos saem-se melhor dando respostas orais, por ser sua melhor habilidade, diferente da aptidão de escrever. Também compreendam que crianças disléxicas aprendem de forma diferente dos demais alunos, mas que eles possuem condições plenas de acompanhar uma sala de aula convencional se ele for bem assistido pelo professor.

O apoio do professor é importantíssimo, porque o aluno necessita transpor o aprendido para o concreto através do ensino estimulado pelos sentidos: tato, paladar, visão e sensação. E, neste grande processo, que envolve as relações educativas há um ingrediente indispensável para contribuir com a aprendizagem do aluno disléxico: o diálogo constante entre professor e aluno na sala de aula, ou seja, as relações interativas que irão permear o processo de ensino e de aprendizagem. Quando o professor acompanha as ações no desenvolvimento das atividades, dialoga, questiona e proporciona interatividade o aluno pode se sentir parte importante daquele contexto, e com isso é possível que, automaticamente, o prazer pelo aprender surja no educando, favorecendo a aprendizagem.

3 DISLEXIA: ESTÍMULO DA LEITURA

Muitos jogos podem ser confeccionados com sucata para os alunos disléxicos em sala de aula e feito até mesmo por eles, isso torna a aprendizagem mais divertida e com sentido. No livro de Nunes, Buarque e Bryant (1997) aparecem algumas sugestões de atividades que podem ser usadas com os alunos, abaixo são citadas quatro propostas de trabalho:



Figura 1: **Jogo da consciência silábica**

O jogo da figura 1 foi confeccionado com tampinhas de garrafa pet e folhas coloridas. A proposta do jogo é de trabalhar com a contagem de sílabas durante a nomeação oral das figuras. A criança escolhe um desenho na tampinha da garrafa e verbaliza seu nome contando quantas sílabas à palavra tem, depois confere dentro da tampinha se a resposta está certa, também podem analisar a escrita, sendo conferida palavra e figura.



Figura 2: Identidade fonêmica

O jogo foi feito com folhas coloridas. O objetivo do jogo é o de escolher as figuras cujos nomes comecem com o mesmo som de um desenho modelo. O jogador marca na cartela suas hipóteses baseadas no som das palavras e depois confere na tampa de respostas de cada cartela.



Figura 3: Jogo da aliteração

O jogo também foi confeccionado com papel colorido. O objetivo do jogo é o de classificar as figuras conforme o início de seus nomes falados. Todas as cartinhas ficam no centro da mesa, cada jogador pega um envelope com uma sílaba e procura no monte palavras que tenha na sua escrita o mesmo som inicial, depois conferem as respostas no cartão resposta do envelope.

Outra estratégia interessante seria a repetição de histórias em sequência:



Figura 4: História contada em sequência

Fazer em papel colorido o desenho de figuras que sejam do mesmo campo semântico, para facilitar que o aluno lembre-se da ordem para contar a história inventada. Contar uma história a partir das imagens e pedir que o aluno repita a mesma sequência quando visualizar o desenho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para atenuar as dificuldades com o distúrbio da dislexia salienta-se a importância de um trabalho conjunto entre a escola e a família. Há questões importantes que se deve levar em consideração no trabalho pedagógico com crianças disléxicas, entre elas, crer que a criança vai aprender; não comparar a criança

Somos todos diferentes

dislética com outras crianças da turma que não apresentam dificuldades na aprendizagem; diversificar os recursos e as estratégias de ensino no trabalho pedagógico em sala de aula e por fim, estimular a criança com dislexia de forma com que ela se sinta capaz de aprender.

Todos os aspectos citados anteriormente estão relacionados com práticas pedagógicas significativas que podem favorecer a aprendizagem de alunos com dislexia, dessas, destaca-se em especial a que aborda a importância de promover aulas significativas com recursos diversificados e estratégias importantes e desafiadoras, que atendam às necessidades dos alunos com o distúrbio. Quando observado que no processo de alfabetização, junto aos alunos alfabetizando, há crianças com um ou outro distúrbio, o professor necessita de um planejamento docente com recursos para auxiliar o aluno em suas necessidades e dificuldades. Há variadas possibilidades de jogos e estratégias lúdicas para se trabalhar as questões que envolvem a leitura alunos disléxicos, que priorizam os sentidos no seu desenvolvimento.

REFERÊNCIAS

CAPOVILLA, Alessandra G. S. **Alfabetização: método fônico**. São Paulo: Memnon, 2003.

HUIZINGA, Johan. **Homo ludens: o jogo como elemento da cultura**. São Paulo: Perspectiva, 2008.

IANHEZ, Maria Eugênia. **Nem sempre é o que parece: como enfrentar a dislexia e os fracassos escolares**. São Paulo: Alegre, 2002.

Somos todos diferentes. Direção: KHAN, Aamir e GUPTE, Amole. Índia, 2007. DVD: (165 min.). Título original: Taare Zameen Par.

MORTTATI, Maria o Rosário Longo. **História dos métodos de alfabetização no Brasil**. Disponível em: [HTTP://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/](http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/)

NUNES, Terezinha; BUARQUE, Lair; BRYANT, Peter. **Dificuldades na aprendizagem da leitura: teoria e prática**. São Paulo: Cortez, 1997.

DOMINGUES, C. L. K

TEBEROSKY, Ana; COLOMER, Teresa. **Aprender a ler e a escrever** – uma proposta construtivista. Porto Alegre: Artmed, 2003.